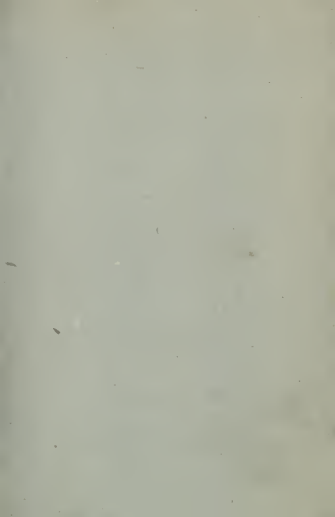


15618





M A R I L I A

D E

DIRCEO.

POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.

Segunda Edição mais acrescentada.

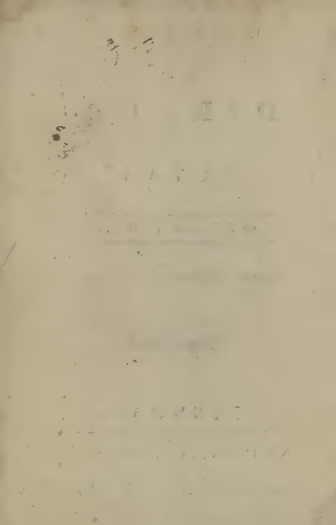


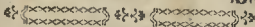
L I S B O A :

NA OFFICINA NUNESIANA.

ANNO M. DCCCII.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.





MARILIA DE DIRCEO



LYRA I.

P. 76749

JA' não cinjo de loiro a minha testa;
Nem sonoras Canções o Deos me inspira;
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado, em que me vejo;
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
Bemque tocca, e fêa,
Agora me pôde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Elle me diz, que faça no pé de huma
Má laranja pontá,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo;
Vgrás, Marilia, huma idéa nova:
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma diga
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais temura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentess
Dessa boca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei *No peito* que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só pôde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Céos , que pejo !
Descubrio a lêr-me os versos o Deos loiro:

Ah ! dá lhes hum beijo ,

E diz-me que valem

Mais que letras de oiro.

L Y R A II. *M. J. - 8*

E Sprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas , e insolentes ,
Os venenos das plantas ,
E das bravas serpentes,

Chovão raios e raios ; no meu rosto
Não has-de ver , Marilia , o medo escrito :
O medo perturbado ,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito , conheço , pódem muito ,
As Furias infernaes , que Plutô move ; *M. J.*
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso;
Fez de muitos os Astros,
Qu' inda no Ceo divisor.

Elle pôde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido, ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então, que os labios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

L Y R A III; *Al. 9*

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;

Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens;

Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses;

Só a minha sorte não?

M. J. Guaráe mesmo =

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia :
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.

Muda-se a forte de tudo ;
Só a minha forte não ?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O vco rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.

Muda-se a forte de tudo ;
Só a minha forte não ?

Qual eu sou, verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha :

Que feliz consolação !

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha forte não,

LYRA IV. *MS. 70*

JA', já me vai, Marília, branquejando
 Loiro cabello, que circula a testa;
 Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
 E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
 E vão-se sobre os ossos enrugando,
 Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
 Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
 As forças dos meus membros já se gastão,
 Vou a dar pela casa hums curtos passos,
 Pesão-me os pés, e arrastão,

Se algum dia me vires desta sorte ,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos :
Os trabalhos , Marilia , os sentimentos ,
Fazem os meismos damnos.

Mal te vir , me dará em poucos dias ,
A minha mocidade , o doce gôsto ;
Verás burnir-se a pelle , o corpo encher-se ;
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão ,
Na Primavera , que aos mortaes encanta ,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho ,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;
Mas logo que a doença fez seu termo ;
Torna , Marilia , a ser quem era d'antes ,
O definhado enfermo.

Suppô-me qual doente, ou qual a planta;
No meio da desgraça, que me altera:
Eu também te supponho qual faude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida às flores;
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre montão de amores?

LYRA V.

OS mares, minha bella, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda;
O destre Nauta aqui não he preciso;
Eu só conduzo a não, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empolta,
Raíga-se a véla, e mastro se parte !
Qualquer varão prudente aqui já teme ;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia ;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem ;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe onde possa achar conforto.
Ah ! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da não, matêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as fabias vozes :
 Elle me diz que soffra , se não morro ;
 E perto então , se morro , huns doces laços.
 Não quero já , Marília , mais soccorro ;
 Oh ditoso soffrir , que lutar pôde
 A gloria dos teus braços !

LYRA VI

DE que te queixas ,
 Lingua importuna ?
 De que a Fortuna
 Roubar-te queira ,
 O que te deu ?
 Este foi sempre
 O genio teu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.

Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão
A grandes thronos
A impia ergueu.

Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devão
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo
Já mais se dobra ;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do *claro* Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venuis
N'hum carro ufano ;
E cabe Vulcano
Da pura esfera ,
Em que nasceu.

Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba ;
Bem que se mude ,
Honra , e virtude :
Que o mais he della ;
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu.

L Y R A VII. *M. S. 149*

Meu prezado Glaucêste;
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora fim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso feroso;
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso;
Deixa que viva a pérfida calúmnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glaucêste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada ,
 E toca hum pouco nella :
 Levanta a voz celeste

Em parte , que te escute a minha bella ;
 Enche todo o contorno de alegria ;
 Não soffras , que o desgosto
 Affogue em pranto amargo
 O seu divino rosto.

Eu sei , eu sei , Glauceste ,
 Que hum bom Cantor havia ;
 Que os brutos amansava ;

Que os troncos , e os penedos attrahia :
 De outro destro Cantor tambem affirmá
 A sabia Antiquidade ,
 Que as muralhas erguêra
 De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere ;
 O som delgado , e terno
 Ao Rei Plutão abranda ,

E o deixa , que penetre o fundo Averno.
 Ah , tu a nenhum cedês , meu Glauceste
 Na lyra , e mais no canto :
 Pódes fazer prodigios ;
 Obstar ou mais , ou tanto.

Levanta pois as vozes :
Que mais , que mais esperas ?
Consola hum peito afflito ;
Que he menos inda , que domar as fêras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo ;
Que em quanto a bella vive ,
Tambem , Glauceste , vivo.

L Y R A VIII. *M.F.-15*

EU vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna ;
Pega-me pelo braço ,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo ;
Que entre no grande Templo, em q se encerra
Quanto o destino manda ,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do Assyrio Povo;
Aqui os Médos crescem,
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: *É que pertendes?* *KJ.*
Todas estas Medalhas ~~de~~ agora? *MS.*
Ab! não, não sejas louço!
Espaço de annos fôra
Para isso ainda pouco:
Deixa estranhos successos, vem comigo;
Verás quanto inda deve
Acontecer contigo.

Levou-me aonde estava a minha historiã,
Que toda me explicou com modo, e arte.
Tirei-te libras de ouro, *Libras - MS.*
Me diz, e quero dar-te
Todo aquelle thesoiro.
Não suspira por bens hum peito nobre;
Sevêro lhe respondo,
Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruça a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegre, alegre o rosto,
Prosegue, alli te faço
Restituir o posto.*

Respondo em ar de mósa, e tom sereno;
*Conbeço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno,*

Aqui te dou, me diz, a tua amada:
Então me banho todo de alegria.

*Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.*

He esse o bem, respondendo, que me move;
*Mas esse bem he santo,
Vem so da mão de Jove.*

Queeria mais fallar; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos;

*Basta, Fortuna, basta;
Estes breves momentos
Lá n'ontras cousas gasta;*

Da minha sorte nada mais contemplo.

E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o Templo.

L Y R A IX, 16 - *Ms.*

A Estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos;

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Do cetro apouca
Zekava o gado;
Eu lhe arrastava
Apallia-oveiba
Que tanta amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No pado, e telha
Agora eis clara
Alta, distada relva.

Ao collo a pomba
Basta pintoado
Ainda a unia
Ala couas levas
brancas e fofas

Mal eu a via,
 Hum ar mais leve;
 (Que doce effeito!)
 Já respirava
 Meu terno peito.

Do cêrco apenas
 Sokava o gado;
 Eu lhe amimava
 Aquella ovelha
 Que mais amava,

Dava-lhe sempre
 No rio, e fonte,
 No prado, e selva;
 Agua mais clara,
 Mais branda relva,

No collo a punha;
 Então brincando
 A mim a unia;
 Mil cousas ternas
 Aqui dizia.

Marília vendo ,
Que eu só com ella
He que fallava ;
Ria-se a furto ,
E disfarçava.

Na presença
Della deslucida
Eu me entretinha
Movendo o lenço
Da languinha.

Desta maneira
Nos castos peitos ,
De dia , em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Elle por dar-me
Lhe ouvia o gosto
Mais se chegava ;
Lhe dava o gosto
Além cantava ;

Ah ! quantas vezes
No chão sentado ,
Eu lhe lavrava
As finas rócas ,
Em que fiava !

Via de passara
Que chegava
A minha bella ;
Vinha com a iguaria
Também na estrela ;

Da mesma sorte
Que á sua amada ,
Que está no ninho ,
Fronteiro canta
O passarinho.

Se amor correfte
Que se me reflete
No branco peito ;
E não me vejo
Nem sobre o leito ;

Na quente festa,
 Della defronte,
 Eu me entretinha
 Movendo o ferro
 Da sanfoninha,

Ella por dar-me
 De ouvir o gosto,
 Mais se chegava;
 Então vaidoso
 Assim cantava;

Não ha Pastora,
 Que chegar possa
 A minha bella;
 Nem quem me iguale
 Tambem na estrella:

Se Amor concede
 Que eu me recline
 No branco peito,
 Eu não invejo
 De Jove o leito;

Ornãõ seu peito sua alma ~~de~~ *de*
 As sãs virtudes,
 Que nos namorão;
 No seu semblante
 As Graças morão,

Affim vivia;
 Hoje em suspiros
 O canto mudo:
 Affim, Marilia,
 Se acaba tudo.

LYRA X. *N.º 17*

A Rde o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua;
 O credulo Mortal agora indaga,
 Qual seja a forte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Náo á véla,

Mas, ah! em bem me lébre; eu tenho ouvido
Que na bôca hum bochecho d'agoa tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada,

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido : então loitando
 Em ar de zombaria huma risada,
 E que tal, me pergunta, ^{foi} ~~esteve~~ a peça?
 Não foi bem pregada?

MS.

MS.

ativa

Eu já te disse, que Marília he tua:
 Tu fazes do meu dito tanta conta,
 Que vais acreditar, o que te ensina
 Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo : Que debaixo
 Do agoite da fortuna afflicto geme,
 Nas mesmas cousas, que só são brinquinhos;
 Se agoirão males, teme.

MS.

L Y R A X I.

SE acaso não estou no fundo Averno;
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos Precitos
Arbitra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes.

Mas cercão-me outros monstros mais irados?
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto , Marília , a vida toda
Em lançar o penedo da montanha ;

 Ou em mover a roda :

Mas tenho ainda mais cruel tormento :

Por cousas que me affligem , roda , e gyra ,

 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado

A's tépidas entranhas, não me come

 Hum abutre esfaimado. ;

Mas sinto de outro monstro, a crueldade :

Devora o coração, que mal palpita ,

 O abutre da laudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo ,

Que de mim se retirão , quando busco

 Faltar o meu desejo :

Mas quer , Marília , o meu destino ingrato

Que lograr-te não possa , estando vendo

 Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;
E n'hum cousa só he mais humana

A minha dura estrella:

Huns não podem mover do Inferno os passos;
Eu, pertendo voôr, e voôr cedo

A' gloria dos teus braços.

LYRA XII. M. 1. 18^a

AH, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!

Não podem ver os teus olhos

A campina deleitosa,

Nem a tua mesma Aldêa,

Que tyrannos não proponhão

A' ^{inda} inquieta idéa

Huma imagem de afflicção.

Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão.

Quando lebares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: *Aqui trazia*
Dirceo também o seu gado:
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedós da branca mão.

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando à janella sahires,
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha;
A. B. *minha pobre morada.*
Tu dirás então contigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar consigo;
E alli soffreo a prisão.

Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
 Do caro Glauceste a choça;
 Onde alegres se juntavão
 Os poucos da escolha nossa;
 Pondo os olhos na varanda
 Tu dirás de mágoa chã:
 Todo o congresso alli anda,
 Só o meu amado não.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
 O meu companheiro honrado,
 Sem que me vejas com elle
 Caminhar emparelhado,
 Tu dirás: Não foi tyranna
 Sômente comigo a forte;
 Também cortou deshumana
 A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses,
 Novos suspiros em vão.

Numá masmorra mettido,
 Eu não vejo imagens destas,
 Imagens, que são por certo
 A quem adora funestas.
 Mas se existem separadas
 Dois inchados, róxos olhos,
 Estão, que he mais, tetratadas
 No fundo do coração.

Também mando os surdos Deuses
 Tristes suspiros em vão.

L Y R A XIII. *M. 19*

Vês, Marília, hum cordeiro
 De flores enramado,
 Como alegre caminha
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
 A Pyra sacro-santa já se accende:
 O Ministro o fere; elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço;
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover hum passo?
Não conhece que sahe de hum mão terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
Lhe dispomos a forte;
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia;
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os mãos matar quizerão:
De conselho mudarão,
Como escravo o vendêrão:
José não corre a ser hum servo afflitó:
Vai subindo os degrãos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
 Hoje, ó bella, me prende,
 Só porque nisto de outros
 Mais damnos me defende?
 Póde ainda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie; quer não, ao Ceo adoro;
 E beijo a santa mão, que assim me guia.

(a) L Y R A XIV. *ML-20*

A Alma digna de mil Avós Augustos!
 Tu sentes, tu soluças,
 Ao ver cahir os justos;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida Amizade.

(a) Esta Lyra foi feita etc.
 a Fran. Gregorio Pery Bandeira
 12 de Maio

Não he , não he de Heróe huma alma forte ,
Que vê com rosto enxuto
No seu ignal a morte,

Não he tamhem de Heróe hum peito duro ,
Que a sua gloria firma ,

Ms. Em que lhe não resiste ao ferro , e fogo ,
Nem legião , nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo , e chora !

He grande para mim , quem move os passos ,

Ms. E de Dario aos filhos ,

Que como escravos seus tratar possa ,
Recbe nos seus braços.

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso ,

Não he , porque levanta huma cidade ;

He sim , porque nos hombros

Salvou do incendio ao Pai , a quem deitinha

A mão da branca idade,

longa

Ah ! se ao meu contrario entre as chamas vira,
Eu mesmo , sim , da morte,
Aos hombros o remira :

Inda por elle muito mais obrára :

E se nada servisse, *por isso M*

Fizera então , Amigo , o que fizeste ;
Gemêra , e suspirára

Oh ! quanto são duráveis as cadêas
De humna amizade , quando
Se dão iguaes idéas !

Se a pesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera ,

Foi por ser a minha alma igual á tua ,
E a tua igual á minha

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
Lá lhe fica a sua alma ,
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.

Ah ! sim , honrado Amigo ,
Né enxugar não poderes os seus olhos ,
Prantêa então com ella.

LYRA XV. *M. 122*

EU, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aidêa;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha chóça do preciso chêa.
Tirarão-me o catal, e o manço gado,
Nem tenho, a que me encóste, hum só cajado.

M.T. Para ter, que te dar, he que eu queria
De m^{or} rebanho² ainda ser ó dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava ,
Levando a sementeira , prejuizo ,
Eu alegre ficava , apenas via
Na tua breve bôca hum ar de riso,
Tudo agora perdi ; nem tenho o gôsto
De verte ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sêsta ,
Escrever teus louvores nos olmeiros ,
Toucar-te de papoilas na floresta,
Julgou o justo Ceo , que não convinha ,
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,
Se o bem , que já perdi , alcanço , e provo ;
Por essas brancas mãos , por essas faces
Te juro renascer hum homem novo ;
Romper a nuvem , que os meus olhos cerra ,
Amar no Ceo a Joye , e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Ms. Que pagarei ^{de} dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Paz o contagio lhe não dar, sobeja
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Per mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente festa
Com canas, e com cestos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o yarão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmdaos te ouvirão; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'ó de o os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*
Exemplos da desgraça, e são os amores,
Contentes viviremos desta sorte,
Até que chegue a ham dos dois a morte.

L Y R A XVI. *Ms. 21*

Lu. sci.
N. R. D. B. **V**ejo, Marília,
Que o néteo gado
Anda disperfo
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr,

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr

Eu mais alcanço;
Que a minha herdade;
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando fôbe
 A' minha idêa,
 Que tu ficaste
 Lá nessa Aldêa
 De mil cuidados
 E mágoa cheia,
 Das paixões minhas
 Não sou senhor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

A quanto chega
 A pena forte!
 Peza-me a vida,
 Desejo a morte,
 A Jove accuso,
 Maldigo a sorte;
 Trato a Cupido
 Por hum traidor.
 Eu já não soffro
 A viva dôr.

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece:

Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dôr.

L Y R A XVII. *M. 12 4*

Dirreo te deixa, ó beila,
De padecer cansado:
Frio suor já banha
Seu rosto descórado:
O sangue já não gyra pela vèa;
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêta;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspirá, e morte.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão , e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta ,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa :
Enche-se de ternura , e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bôca ,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome , e mais da sede :
Descança o curvo bico , e a garra impia
Negro abutre estaimado :
Nem na róca melonha a Patca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

M. d. Já voltão os Juizes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.

Já sabe do escuro Reino, e da memória
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto ás turbas agoas tome,
Inda, Marília, ainda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturozas,
Que mansos rios corrao,
Que cobrem sempre as tolas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,
Que o mel, e do que o leite mais suaves.
*Aqui, diz elle, esperero a minha bella;
Aqui contente viverei com ella.*

Aqui . . . porém aonde
Me leva a dôr activa ?
He illusão desta alma ;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teus doces laços ;
E em paga dos meus males ,
Devo morrer , Marilia , nos teus braços ?
Então eu passarei ao Reino amigo ,
E tu irás depois lá ter comigo.

L Y R A XVIII. *M. 25*

NAô molho , Marilia ,
De pranto a masmorra ,
Que o terno Cupido
Não võe , e não cõrra ,
Ahilo apañhar ,
Estende-o nas azas ,
Sobre elle suspira ,
Por fim se retira ,
E vai-tô levar.

(a) { Se o moço não mente,
 ,, Aos tristes gemidos,
 ,, Aos ais lastimosos.
 ,, Não guardes unidos,
 Marilia, c'os teus:
 As lagrimas roxas
 No seio amontôa,
 Fôrma azas, e voa,
 Vai po-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
 Que amava aos Troianos,
 Livrar-los querendo
 De riscos, e damnos,
 A Jove buscou.
 As aguas, que o rosto
 Da Deosa banhâião,
 A Jove abrandâião,
 E assim os salvou.

(a) { *Se o moço não mente,*
Os tristes gemidos
Os ais lastimosos
Os guarda unidos

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abrandá,
Ainda se move
Com ancias de amor;
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

L Y A R XIX.

M. 27

N Esta triste masmorra;
De hum sensitivo corpo sepultura;
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremo, que eu assim resista
A' dor immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágoa não supporto;
Foge-me a vista, e caio,
Não sei se vivo, ou morto,
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe d'igo.

Se queres ser piedoso ,
Procura o sitio , em que *Marilia* mora ,
Pinta-lhe o meu estrago ,
E vê , *Amor* , se chora.
Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ;
Humma dellas me traze sobre as pennas ;
E para allivio meu só isto basta.

L Y R A XX. *Ms. 32*

SE me viesses com teus olhos *viuas*
Nesta masmorra mettido ,
De mil idéas funestas ,
E cuidados combatido :
Qual seria , ó minha bella ,
Qual seria o teu pezar ?

A' força da dôr cedêra
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e-compassivo
Com o nome de Marilia
Nã me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Nã tenho valor, nã tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*
Nã estima esse cabello?
Se o deixas perder de todo,
Nã se ha de enfiar ao vélo?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio ;
Põe-se na meza a toalha ,
E eu pensativo passeio :
De todo o comer esfria ,
Sem nelle poder tocar.

*Eu entendo que matar-te ,
Diz amor , te tens proposto ;
Fazes bem : terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio ,
Me afflijo , mas vou jantar.*

Chegão as horas , Marilia ,
Em que o Sol já se tem posto ;
Ven-me á memoria que nellas
Viã á janella o teu rosto :
Reclino na mão a face ,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Pai erguer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Falta no
M. S.
Vem o Forçado accender-me
A velha, cuja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais sêa,
Nem mais canto, nem mais poiso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito;
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta azeito;
Tomo o pão, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono ,
Canta o Gallo a vez terceira ;
Eu digo ao Amor , que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos , e promessas
Para elle me acompanhar,

Elle diz , que em dormir cuide ,
Que hej-de ver Marilia em sonho ;
Não respondo huma palavra ,
A dura cama componho ,
Apago a triste candêa ,
E vou-me logo dekar.

Como pôde a taes cuidados
Resistir , ó minha Bella ,
Quem não tem de Amor a graça ?
Se eu , que vivo á sombra della ,
Inda vivo desta sorte ,
Sempre triste a suspirar ?

L Y R A XXI. *M. 133*

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra immunda, e fea,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria Aldêa!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E à sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua chera Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata;
O ecco agora diz: *Marília terna*;
E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :
 Hum para nós ligeiro move os passos :
 Ouve-nos de mais perto , e faz a flaceta
 C'os pés em mil pedaços.

Dirceo , clama hum Pastor ab! tem mereee
 Da ternissima Marilia a formosura. *conf. Ms.*
 E aonde , clama o outro , quer Eulina *caída*
 Acabar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
 Em quanto em nós durava esta profia.
 E ella , ó minha ²amada , só findava , *M. S.*
Depois de acabar-se o dia. *Acabou-se o dia*

A' noite te escrevia na cabana
 Os versos , que de tarde havia feito ;
 Mal tos dava , e os lias , os guardavas
 No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa ;
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marília, não as canto ;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

L Y R A XXII. *L. M. S.*

Por morto, Marília,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá soa
Na porta segura:
Abre-le a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

(14)
 Já Torres se affenta;
 Carrega-me o rosto;
 Do crime supposto
 Com mil artificios
 Indaga a razão.
 Mas, ah! que não treme,
 Não treme de susto
 O meu coração!

Eu vejo, Mária,
 A mil innocentes,
 Nas Cruzes pendentes
 Por falsos delictos,
 Que os horrens lhes dão.
 Mas, ah! que não treme,
 Não treme de susto
 O meu coração.

(15) José Pedro Gálvez Machado
 Advogado - Juiz. antes do Porto, e depois
 Chanceler do Rio de Janeiro.

Se penso que posso

Perder o gozar-te,

A gl'ria de dar-te

Abrços honestos,

E beijos na mão,

Marilia, já treme,

Já treme de susto

O meu coração.

Repara, Marilia,

O quanto he mais forte,

Ainda que a morte,

N'um peito esforçado

De amor a paixão.

Marilia, já treme,

Já treme de susto

O meu coração.

L Y R A XXIII. 5^a MS

NÃO praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros:
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo auctera a bôca;
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calúnnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a penna?
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não pôde haver engano.

Eu vejo as Fúrias affligindo aos tristes:
Huma o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem fim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trate-me, qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,
Que gôlto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

(a)

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
 Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
 Não honras tamfômente a quem premeias,
 Honras a quem castigas.

L Y R A XXIV. *M. 34*

EU vou, Marília, vou brigar co' as feras?
 Huma soltarão, cū lhe sinto os passos;
 Aqui, aqui a elpero
 Nestes despídos braços.
 He hum malhado tigre; a mim já corre,
 Ao peito o apêrto, estalão-lhe as costelas,
 Desfallece, cahe, urta, treme, e morre.

(a) *St. hum M. d. q' liaz: Tu vences q' Louca =
 Lira de Voz, Louca, Miss. P. de Voz. 2.^a
 Pao -*

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embera; que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira,

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expõem a minha vida

No cêrco dos Romanos?

Com urso, e com onças eu não luto.
Luto c'ó bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais fero, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calunnia a corradora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se recêa a nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito
C'ás armas invencíveis da innocencia.

?
 Ah! quando imaginar, que vingativo
 Mando que desça ao Tartaro profundo,
 Hei de com mão honrada
 Erguer-lhe o corpo immundo.
 Eu então lhe direi: Infame, indigne,
 Obras como costuma o vil humano;
 Faço, o que faz hum coração divino,

 L Y R A XXV.

Minha Marilia,
 O passarinho,
 A quem roubarão
 Ovos, e ninho,
 Mil vezes pensa
 No seu raminho,
 Piando finge
 Que anda a chorar,
 Mas logo vòz
 Pela espessura,
 Nem mais procura
 Este lugar.

Se acaso a vacca	O vosso Tempo,
Perde a vitela,	Que o tanto conta,
Tambem nos mostra	Que os vossos Reis
Que se desvêla;	Devem o nome,
O pasto deixa,	Tambem, Mania,
Muge por ella,	Tambem confunde
Até na estrada	Dentro do peito
A vem buscar,	Qualquer pezar,
Em poucos dias,	Ah! só não lóde
Ao que parece,	Do meu tormento
Della se esquece,	Por hum momento
E vai pastar,	Alivio dar.

O voráz Tempo ,

Que o ferro come ,

Que aos mesmos Reinos

Devora o nome ,

Tambem , Marilia ,

Tambem consome

Dentro do peito

Qualquer pezar ,

Ah ! só não pôde

Ao meu tormento

Por hum momento

Allivio dar ,

Também , ó bella ,
 Não ha quem viva
 Instantes breves
 Na chamma activa ;
 Derrete ao brônze ,
 Sendo excessiva ,
 Ao mesmo seixo
 Faz estalar.

Mas do amianto
 A fêbra dâra
 Na chamma acura
 Sem se queimar.

Tambem ; Marilia ,
 Não ha quem negue ,
 Que bem que o fogo
 Nos oleos pegue ,
 Que bem que em linguas
 A's nuvens chegue ,
 A' força d'agua
 Se ha de apagar .

Se a negra pedra
 Nós accendemos ,
 Com agua a vemos
 Mais s' inflammam ,

O meu discurso ;

Marilia , he recto :

A pena iguala

Ao meu affecto.

O amor , que nutro ;

Ao teu aspecto ,

E o teu semblante ,

He singular.

Ah ! nem o tempo ;

Nem inda a morte

A dôr tão forte

Póde acabar.

A quem gasta não sabe , nem lê a vida ,
 Fugiu as grossas chaves de hum theatro ;
 E lança na milicia a quem conhece ,
 Para que leve o tiro .

L Y R A XXVI. *NY. 36*

A Quelle, a quem fez cego a natureza,
 C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
 Ainda se despenha muitas vezes,
 E dous remedios junta.

De ser cega a Fortuna eu não me queixo;
 Sim me queixo de que má cega seja:
 Céga, que nem pergunta, nem, apalpa;
 He porque errar deseja.

(a)

A quem gastar não sabe, nem se animo,
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
 E lança na miseria a quem conhece,
 Para que serve o oiro.

(a) *Alto*

11. Aquem não tem virtude, nem talento
 11. Olha, Novilia, pra d'hu sceptro d'ouro
 11. Cria n'hu pobre bozo hum almadão
 Desc. sa tor n'hu torro

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atrás do vicio em liberdade corra;
Eu hõro as leis do Imperio, ella me opprime
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia, que esta queixa
Co' a solida razão se não coaduna;
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa;
Que os Sábios fingem, que humia roda move;
He só a occulta mão da P'videncia,
A sábia mão de Jove.

Nós he, que somos cegos, que não vemos;
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditãs;
 C'o seu merecimento o virtuoso;
 Parecer desgraçado, ó minha bella,
 He muito mais honroso.

L Y R A XXVII. *Ms. 26*

A Minha amada
 He mais formosa,
 Que branco lyrio,
 Dobrada rosa,
 Que o cinnamomo,
 Quando matiza
 Co' a folha a flor.
 Venus não chega
 Ao meu Amor.

Vasta campina
 De trigo chãa,
 Quando na festa
 C'o vento ondêa,
 Ao seu cabelo,
 Quando flutua,
 Não he igual.
 Tem a côr negra:
 Mas quanto val!

Os astros, que andão
 Na esfera pura,
 Quando scintillão
 Na noite escura,
 Não são, humanos,
 Tão lindos, como
 Seus olhos são.
 Que ao Sol excedem
 Na luz, que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desfata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve bôca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Pobres da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe dêsse ,

Compadecido ,

Tanto socorro

O Deos Cupido ;

Se não vivêra

Huma esperança

No peito seu ;

Já morto estava

O bom Dírceo.

Vê quanto póde

Teu bello rosto ;

E de gozá-lo

O vivo gosto !

Que , submergido

Em hum tormento

Quasi infernal ;

Porqu' inda espero ,

Resisto ao mal.

L Y R A XXVIII.

D Eté-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.

O fumo, que ellas dão, he pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahí venenos;
Que nunca visses o mundo;

Traze o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Ant. demagogy.

Cachopo levantado ,
Que pôz a natureza
Dentro do mar salgado ,
Não se abala no meio da tormenta ;
Bem que huma onda , e outra onda
Sobre elle em flor rebenta .

Arvore , qué na terra
As robustas raizes ,
Buscando o centro , aſſerri ;
Não teme ao furacão mais violento ;
E menos , se se deixa
Vergar do riſo vento .

Sou tronco , e rôcha , ó bella ;
Que açoitá o Sul , que brama ,
E o mar , que ſe encapella :
Não temas que do roſto a côr ſe mude ;
Vence ás rôchas , e 'os troncos
A ſólida Virtude .

A maior desventura
 He sempre a que nos lança
 No horror da sepultura :
 O cobarde a morrer tambem caminha ;
 Com que males não póde
 Huja alma como a minha ?

 L Y R A XXIX.

M. 38

EU descubro procurar-me
 Gentil mancebo, e loiro ;
 Trazia a testa adornada
 Com folhas de verde loiro.
 Vejo ser o Pai das Musas,
 E me entrega a lyra d'oiro.

Já basta, me diz, ó filbo,
 Já basta de sentimento;
 O cansado peito exige
 Hum breve contentamento.
 Louva a formosa Marilia
 Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
 A dôr não socega em tanto:
 Ergo a voz; então reparo
 Que, quanto mais corre o pranto,
 He mais doce, e mais sonôro
 Meu terno, e saudoso canto.

Apollo ficou os olhos
 Na mão, que regia o braço;
 E depois de estar suspenso,
 De me ouvir hum largo espaço,
 Assim diz: o Deos Cupido
 Faz ind. e mais, do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra;
 Louva, louva a tua Bella;
 Porém vê que t'a concedo
 Com condição, e cautella;
 Eu lhe cinto a voz, dizendo
 Que só canto em honra della.

L Y R A XXX.

O Pai das Musas,
 O Pastor loito
 Deo-me, Marília,
 Para cantar-te
 A lyra de ouro.
 As cordas firo;
 O brando vento
 Teus dotes leva
 Nas brancas azas
 Ao firmamento,

O teu cabelo
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor, que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;
Ninguém lhe foge,
Ninguém resiste.

Algumas vezes
En o diuiso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvras,
Que faz teu riso.

(c) Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma
Porque mais prenda
Do fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marília,
O som escuto
Das vis cadêas.

Dou hum suspiro,
Corre o meu pranto;
Mil. E, inda bebendo
Lágrimas tristes,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum virvo exemplo:
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

L Y R A XXXI.

M. 29

Roubou-me , ó minha Amada , a forte
impia.

Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia.

Honras de maioral , manada grossa ,
Fertil , extensa herdade ,
Bem reparada chόça.

Metteo-me nesta infame sepultura ,
Que he sepulchro sem honras ,
Breve masmorra , escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo:-

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deuses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu aísse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Pectro,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausência
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a mólha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado,

Eu juro que do roubo nem me queixe ,
Com tanto , ó minha cara ,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,
Os que te amão , sómente
Porque menos te ouvirão ;

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega ;
Que eu tenho aquella gloria ,
Que a mil felices nega.

L Y R A XXXII.

Ms. 28

SE o vasto mar se encapella,
E na rôcha em flor rebenta,
Grossa não, que não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discreção da tormenta.

Quem não tem huma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria ma'morra ,
Aonde , Marilia , vivo ,
Encôsto na mão o rosto ,
Fico às vezes pensativo.
Ah ! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,
Marilia , toda enlutada ;
A face de hum pai rugosa ,
N'um mar de pranto banhada ;
Os amigos m'acilentos ;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ;
Vejo n'ũa grande praça
Hum theatro levantado.
Vejo as cruces , vejo os potros ,
Vejo o alfanje affiado.

Hum frjo suor me cõbte ,
Lassão se os membros , suspiro ;
Busco allivio às minhas ancias ,
Não o descubro , deliro.
Já , meu Bem , já me parece ,
Que nas mãos da morte ~~Es~~piro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada ,
Os teus meigos , vivos olhos ,
A tua face rosada ,
Os teus dentes crystallinos ,
A tua bôca engraçada.

Qual , Marilia , a estrella d'alva ;
Que a negra noite affugenta ;
Qual o Sol , que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueenta ;
Ou qual Iris , que o Ceo limpa ,
Quando se vê na tormenta.

Affirm, Marilia, destérro
Triste illusão, e demência;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauró as forças perdidas,
Sóbe a viça côr ao rosto,
Gyra o sangue pelas veas,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

L Y R A XXXIII. *M. 39*

Morri, ó minha Bella ;
Não foi a Parca impia ,
Que na tremenda rôca ,
Sem ter descanso , fia :

Não foi, digo , não foi a morte fêa ;
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante vêa.

Eu , Marília , respiro ;
Mas o mal , que supporto ,
He tão tyranno , e forte ,
Que já me dou por morto :
A insolente calúmnia depravada
Ergueu-se contra mim , vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalço enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó forte impia,
E delle só me mostra a estreita fresta
O quando he noite, ou dia.

M.S.
Olhos laços, sumidos,
Macilento, descarnado,
Barba crescida, e hirsuta,
Cabello desgrenhado:
Ah, que imagem rão digna de piedade!
Mas he minha Marilia como vive
Hum Rêo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo:
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo!
M.S. fial O tormento, minha alma, não recuzes,
A quem sabto cumpriò as leis sagradas,
Servem de folio de cruces.

Tu, Marília, se ouvires,
 Que ante o teu rosto afflicto
 O meu nome se ultraja
 C' o supposto delicto,
 Dize sévêra assim em meu abono:
*Não toma as armas contra hum sceptro justo
 Alma digna de hum throno.*

L Y R A XXXIV. *lib. 31*

Vou-me, ó Bella, deitar ná dura cama;
 De que nem se quer sou o pobre dono:
 Estende sobre mim Morsêo as azas,
 E vem ligeiro o sono.

C's fonhos, que rodeão a tarimba;
 Mil cousas vão pintar na minha idéa;
 Não pintão cadafalços, não, não pintão
 Nem huma imagem fea.

Pintão que estou bordando hum teu vestido ;
 Que hum menino com azas , cego , e loiro ,
 Me ensia nas agulhas o delgado ,
 O brando fio de oiro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja ;
 Pintão que as mãos nos damos , e aqui vejo
 Subir-te á branca face a côr mimosa ,
 A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz doirada sege
 A' nossa habitação ; que mil amores
 Desfoihão sobre o leito as molles folhas
 Das mais cheirosas flores.

Pintão que dessa terra nos partimos ;
 Que os amigos faudosos , e suspensos
 Apertão nos inchados , roxos olhos
 Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia ;
 Onde passei a flor da minha idade :
 Q' descubro as palmeiras , e em dois bairros
 Partida a gram Cidade.

*Pintão leva o mal e que na plancha
 O braco já te aponta revivente,
 Que te aponta com o dedo, mal te avista,
 Amontoadá gente.*

Aqui, *alerta*, grita o mão soldado;
 E o outro, *alerta estou*, lhe diz, gritando.
 Acôrdô com a bulha, então conheço,
 Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores, *fin - Hl*
 A ver-me delinquente, réo de morte,
 Não sonhára, Marília, só contigo
 Sonhára de outra sorte.



L Y R A XXXV.

SE lá te chegarem
 Aos ternos ouvidos
 Huns tristes gemidos,
 Repara, Marília,
 Verás, que são meus.
 Ah! da-lhes abrigo,
 Marília, nos peitos;
 Aqui os conserva
 Em laços estreitos,
 Unidos, aos teus.

O vento ligeiro ,
De ouvilos movido ,
Os pede a Cupido ,
Que a todos apanha ,
E lá tos vai pôr
Ah , não os desprezes ;
Porque se conspira
O Ceo em meu damno ,
E a gloria me tira
De honrado Pastor ,

Tem estes suspiros
Motivo dobrado :
Perdi o meu gado ;
Perdi , que mais vale ,
O bsm de te ver .

Se os não receberes
Amançe por ora ,
Por serem de hum triste ,
Os deves, Pastora ,
Por honra acolher ,

Virá, minha bella,
Virá huma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.

Os crimes deshonrão,
Se são existentes;
Os ferros, q' opprimem
As mãos innocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gosto, e ternura
Suspiros aos Ceus.

Por-me-hão no sepulchro
A honrosa inscripção:
Se teve delicto,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réos.

L Y R A XXXVI. *Ms. 40*

N Aõ has de ter horror , minha Marilia,
De tocar pulso , que soffreo os ferros ;
Infames impostores mos lançarão ,
E não puniveis erros.

Esta mão , esta mão , que ré parece ,
Ah ! não foi huma vez , não foi só huma ,
Que em defeza dos bens , que são do Estado ,
Moveu a sábia pluma.

He certo , minha amada , fim he certo
Que eu aspirava a ser de hum Reino o dono ;
Mas este grande imperio , que eu firmava ,
Tinha em teu peito o throno.

A's forças , que se oppunhão , não batião
De grossa peça , de moquete os tiros ;
Só erão minhas armas os soluços ,
Os rogos , e os suspiros.

De cuidados , disvellos , e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros ;
Não tinha no meu campo estranhas tropas ;
Que amor não quer parceiros.

Mas pôde ainda vir hum claro dia ,
Em que estas vis algemas , estes laços
Se mudem em prizões de allivio cheas
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi : *Eu sou Monarcha ;*
Dou leis , que he mais , n'um coração divino ;
Solio , que ergueu o gosto , e não a força ,
He que he de apreço dino.

L Y R A XXXVII.

Meu sonoro Passarinho,
 Se sabes do meu tormento,
 E buscas dar-me, cantando,
 Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
 Se me queres ser propicio;
 Eu te dou em que me faças
 Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
 Procura o Porto da Estrella,
 Sóbe á ferra, e se cançares,
 Descança n'um tronco della.

M. A. = no meio C.

Toma de Minas a estrada ;
Na Igreja nova , q' que fica *M. S. M.*
Ao direito lado , e segue
Sempre firme a Villa Rica;

Entra nesta grande terra ,
Passa hum formosa ponte ; *M. S. formosa*
Passa a segunda ; a terceira.
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janela ,
He da falla , aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres ,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto , do seu talhe ,
Das suas feições , e modos.

O seu semblante he redondo ,
 Sobrancelhas arqueadas ,
 Negros , e finos cabellos ,
 Carnes de neve formadas.

A bôca risonha , e breve ,
 Suas faces côr de rosa ,
 N'uma palavra , a que vizes
 Entre todas mais formasa.

*Chega entao ao seu ouvido
 Dize que sou quem te mando
 F I M
 Que vivo nesta Marmonia
 Mas sem alivio perdido*

Index.

1	Ja não cingo de Loiro a minha testa —	2
3	Eyremo a vil columna muito embora. —	6
4	Succede Marilia bella. — — — — —	9
5	Ja, ja me vai Marilia tranquejando —	11
6	Os meus, minha bella, não se movem —	13
8	De que te queiras, — — — — —	15
9	Meu prezado, Glaucete. — — — — —	18
10	Eu vejo, ó minha bella, aquelle Numen —	20
11	A estas horas — — — — —	23
13	Arde o velho barril, arde a cabeca —	27
12	Se acaso não estora no fundo Arno —	30
14	Ah! Marilia, que tormento. — — — — —	32
15	Ves, Marilia, hum cordeiro — — — — —	35
16	Alma digna de mil Avós Augustos —	37
18	Eu, Marilia, não fui nenhum vaqueiro —	40
17	Vejo, Marilia, — — — — —	44
20	Dizes te deira, ó bella, — — — — —	48
21	Não mãe, Marilia, — — — — —	51
22	Nesta triste masmorra, — — — — —	53
23	Se me vives com teu othor — — — — —	55
24	Que diverras que são, Marilia, as horas —	60
25	Por morto, Marilia — — — — —	63
26	Não praguejos, Marilia, não praguejos —	66
27	Eu vou, Marilia, não brigar co' as feras —	68
28	Minha Marilia — — — — —	70
29	Aquelle aquem fez cego a natureza —	76
30	A minha Amada — — — — —	78
31	Delom-te vil humano — — — — —	82

32	Eu descubro procurar-me	85
33	O Pai das Musas	86
34	Roubou-me, ó minha amada, a sorte dura	89
35	Se o vasto mar se encapula	93
2	Morri, ó minha bella,	97
7	Yarome ó bella deitar na dura cama	99
19	Se lá te chegaram	101
37	Não haide ter horror, minha Marília	104
36	Meu sonso passarinho	106



